ARCHEION ONLINE
ISSN 2318-6186
Revista de Arquivologia da UFPB

PERFORMATIVIDADE PÓS-HUMANA NA ARQUIVOLOGIA

POSTHUMAN PERFORMATIVITY IN ARCHIVELOGY

Patrícia Silva*

RESUMO

Apresento uma breve exposição sobre o pensamento pós-humano, a sociomaterialidade e a relação – Humanos e não-humanos nas práticas sociais. A performance é o mecanismo através do qual todos (humanos e não-humanos) se relacionam entre si, independentemente de quaisquer diferenças ou a real complexidade de suas estruturas. Logo, ao desenvolver a abordagem sociomaterial, o que se pretende é recuperar os objetos/coisas, e consequentemente a materialidade na vida social, repensando suas relações nas práticas sociais, observando que esses precisam ser tratados também como partes integrantes da promulgação da existência humana, e não simplesmente contextos ou ferramentas (in)visíveis. Nós precisamos mostrar como as coisas que as pessoas fazem, fazem as pessoas a fazer coisas. Esta pesquisa não pretende colocar o humano acima dos materiais, objetos/coisas, mas entre esses e reciprocamente. Estes objetos/coisas podem ser usados por nós humanos, mas eles também podem usar os seres humanos e influenciar, mudar uma prática social, que então não é mais particularmente humana. Descentralizar o sujeito humano não significa deixar os humanos de fora e centrar-se exclusivamente nos não-humanos, mas sim permitir que humanos e não-humanos se concentrem na análise social.

Palavras-Chave: Sociomaterialidade; Perfomatividade; Pós-Humanismo; Arquivologia.

ABSTRACT

I present a brief exposition on posthuman thinking, sociomateriality and the relationship - Human and nonhuman in social practices. Performance is the mechanism through which everyone (human and nonhuman) relates to each other, regardless of any differences or the actual complexity of their structures. Therefore, in developing the sociomaterial approach, the aim is to recover the objects/things, and consequently the materiality in social life, rethinking their relationships in social practices, noting that they must also be treated as integral parts of the promulgation of human existence, and not simply contexts or (in)visible tools. We need to show how the things that people make, make people do things. This research is not intended to place the human above materials, objects/things, but between them and vice versa. These objects/ things can be used by us humans, but they can also use humans and influence, change a social practice that is no longer particularly human. Decentralizing the human subject does not mean leaving humans out and focusing exclusively on nonhumans, but rather allowing humans and nonhumans to focus on social analysis.

Keywords: *Sociomateriality; Performativity; Posthumanism; Archival Science*

* Pós-Doutorado em Educação (FACED/UFBA). Doutora em Educação (FACED/UFBA). Mestre em Ciência da Informação (PPGCI/UFPB). Especialista em Gestão Estratégica de Sistemas de Informação (DECIN/UFRN). Profa. Associada do Departamento de Ciência da Informação (DCI/UFPB). Profa. Permanente do Programa de Pós-Graduação em Gestão das Organizações Aprendentes (PPGOA/UFPB). Lider do Grupo de Pesquisa LabTech Design & Sociomaterialidade e pesquisadora do Grupo de Pesquisa Educação, Redes Sociotécnicas e Culturas Digitais.
E-mail:patricia.silva@ccsa.ufpb

(cc) BY-NC-ND

1 INTRODUÇÃO

Esse artigo teórico parte de uma pesquisa mais ampla onde estão sendo investigados os 'mais-que-humanos' nas práticas sociais. Aqui, apresento uma breve exposição de como meu pensamento está estruturado, tendo como ponto de partida o pensamento pós-humano, a sociomaterialidade e a performatividade nas práticas sociais.

O Pós-humanismo é um termo versátil envolvendo uma ampla gama de autores, tais como: Karen Barad, Bruno Latour, Donna Haraway, Michel Callon, Annemarie Mol, Graham Harman, Judith Butler, etc., (Kipnis, 2015). O pensamento pós-humanista reorienta os humanos para a sua interdependência ética com a materialidade (BENNET, 2010). Quando trabalho a sociomaterialidade no artigo, destaco as maneiras pelas quais a matéria pode ser concebida como mais do que apenas uma superfície passiva na qual os significados culturais são registrados (Gygi; 2019).

Com relação às práticas sociais, entendo que elas florescem na essência dos grupos, e assim resultam e provocam interações entre os sujeitos, inclusive aqueles não-humanos, em seus ambientes de convivência (natural, social, cultural) (Schatzki; Knorr-Cetina; Von SavignY, 2001), no intuito de "produzir bens, transmitir valores, significados, ensinar a viver e a controlar o viver, enfim, manter a sobrevivência material e simbólica das sociedades humanas" (Oliveira et al., 2009, p. 4). Uso a noção de humano não como uma categorização exótica, purificando a humanidade dos elementos não-humanos que tornam possível sua própria existência. Pelo contrário, um ser humano não é um conjunto autônomo de emoções, intenções, memórias e habilidades adquiridas em um invólucro isolado de pele; nós humanos somos constituídos de vários elementos que nos moldam e nos associam ao mundo (Le Breton, 2003; Haraway, 2009; Couto, 2012).

A concepção pós-humanista usada aqui vê a realidade como dinâmica e performativa, aflorando através de práticas sociomateriais (Postma, 2012). Logo, ao desenvolver a abordagem sociomaterial, o que se pretende é recuperar os objetos/coisas, e consequentemente a materialidade na vida social, repensando suas

DOI-10.22478/ufpb.2318-6186.2023v11nEdição Especial.68964
https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/archeion- ISSN 2318-6186. Licença (cc) BY-NC-ND

relações nas práticas sociais, observando que esses precisam ser tratados também como partes integrantes da promulgação da existência humana, e não simplesmente contextos ou ferramentas (in)visíveis.

2 PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVO

Não é novo mostrar ou pensar o pós-humano, ou melhor, os não-humanos como extensões do nosso corpo, lembremos das figuras míticas: Minotauro, Sereia e o Centauro; do Frankestein e do ciborgue. O minotauro, a sereia e o centauro, todos representantes da mitologia grega e encenados como seres miscigenados, compostos, heterogêneos, uma espécie de bestas com características humanas. A figura de Frankestein, considerado primeira obra de ficção científica da história, imortalizada por Mary Shelley em 1817, mostra a concepção de um monstro, por meio de uma combinação entre matemática e alquimia que insufla a vida. Da mesma a forma, os ciborgues por nós conhecidos nos filmes: *Blade Runner* (1982), *O Exterminador do Futuro* (1985), *Robocop* (1987), entre tantos outros, que representaram figuras híbridas, que não eram nem homem, nem tecnologia, e sim a associação das duas coisas.

E ainda numa visão pós-humana Sørensen (2013), oferece um exemplo *post mortem* interessante para explicar a fusão de sujeito e objeto/coisas. Ele conta que uma mulher foi cremada e seus restos mortais foram depositados em uma urna. Contudo, foi fundido um anel de bronze ao corpo, sugerindo que as pessoas responsáveis pela cremação não distinguiram matéria humana e não-humana. As cinzas são um conglomerado do total ou parcial do corpo humano, assim as cinzas são, em todos os aspectos do termo, pós-humano.

Segundo Monteiro (2005, p. 13), "esse tipo de visão [...] sugere uma nostalgia da pureza da carne contra um contexto de invasão das tecnologias sobre o corpo, simbolizando essa mistura como algo monstruoso". Porém, os seres humanos também estão integrados às próteses materiais e ferramentas tecnológicas, como óculos, implantes, fones de ouvido, entre outros elementos não-humanos (Fenwick; Edwards, 2010). E a propagação da concepção de híbridos, além de mostrar novas rotas para a

DOI-10.22478/ufpb.2318-6186.2023v11nEdição Especial.68964
https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/archeion- ISSN 2318-6186. Licença (cc) BY-NC-ND

percepção de mundo, abrem questões sobre a legitimidade da separação entre humanos e não-humanos.

Não estou dizendo que não existem diferenças entre humanos e não-humanos, minha posição aqui é analítica. Estou alegando que essas diferenças, essa separação não é essencial para compreendermos os fenômenos sociais. "Enquanto o humanismo for feito por contraste com os [não-humanos], não compreenderemos nem um, nem o outro" (Latour, 1994, p. 134). Não parece ser uma opção, os mundos social e físico/material estão totalmente interligados. Tudo é híbrido. Para Michel (2000), as noções de ciborgues, monstros e híbridos foram usados para desconstruir categorias acadêmicas tradicionais, e demonstrar a conexão heterogênea de entidades que mantivemos distintas, em virtude de nossas afiliações intelectuais especializadas (por exemplo, para a sociologia como oposição à biologia). Se uma vez foi possível afirmar que os não-humanos são as massas que faltavam das ciências sociais (Latour, 1992), então deve ser admitido que este não é mais o caso.

Considero que os não-humanos podem ser portadores de práticas, assim como os humanos o são. Em resumo: nós precisamos mostrar como as coisas que as pessoas fazem, fazem as pessoas a fazer coisas. Esta pesquisa não pretende colocar o humano acima dos materiais, objetos/coisas, mas entre esses e reciprocamente. Estes objetos/coisas podem ser usados por nós humanos, mas eles também podem usar os seres humanos e influenciar, mudar uma prática social, que então não é mais particularmente humana.

3 PRÁTICAS SOCIAIS

Para Rouse (2001) o conceito de práticas sociais é tipicamente utilizado para explicar continuidades ou semelhanças entre as atividades da vida social de grupos, tais práticas são consideradas como atitudes proposicionais. Embora Schatzki (2001b) admita que haja uma variedade de perspectivas teóricas sobre o conceito de práticas, e sendo assim não é aceitável o estabelecimento de uma abordagem unificada sobre o tema, o autor menciona um ponto comum entre esses teóricos, que é a opinião de que fenômenos tais como: conhecimento, significados, atividades humanas, poder, entre

DOI-10.22478/ufpb.2318-6186.2023v11nEdição Especial.68964
https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/archeion- ISSN 2318-6186. Licença (cc) BY-NC-ND

outros, são manifestações do campo da prática social e por isso devem ser compreendidos e analisados a partir dele (Schatzki, 2001a).

Nessa perspectiva 'schatzkiana' podemos afirmar que as práticas sociais são compostas por atividades no qual os agentes humanos e não-humanos (Schatzki; Knorr-Cetina; Von Savigny, 2001) atuam em um campo específico, a partir de determinadas atividades instituídas e organizadas, representando um envolvimento temporário.

Ainda teorizando sobre as práticas sociais, para Dreyfus (1993) e Turner (1994), essas são habilidades ou conhecimentos tácitos e pressupostos que apoiam atividades humanas. Segundo Schatzki, Knorr-Cetina e Von Savigny (2001) é através da ação e interação, dentro das práticas sociais, que racionalidade e conhecimento são constituídos e vida social é organizada, reproduzida e transformada. É importante afirmar que a pluralidade dos pensadores que teorizam sobre as práticas sociais, as concebe, minimamente, como matrizes de atividades humanas, ou seja, identificam-nas como atividades que envolvem pessoas.

Embora alguns pesquisadores que estudam as práticas sociais concordem que essas atividades estão incorporadas às pessoas, e que nexos de práticas são mediados por artefatos, híbridos e objetos naturais, existe uma minoria de teóricos que centram seus estudos na ciência e tecnologia. Esses entendem que as práticas sociais também incluem aqueles não-humanos, tais como máquinas e os objetos de investigação científica (Schatzki; Knorr-Cetina; Von Savigny, 2001), ou seja, as práticas sociais são sociomateriais.

3.1 Práticas Sociais Arquivística

Os trabalhos sobre práticas sociais podem ser conduzidos por múltiplas perspectivas ontológicas e epistemológicas, gerando uma variedade de caminhos para se pesquisar. Resolveu-se adentrar num desses acessos diferentes, trilhando em direção a *practice turn*[1], especificamente pela Teoria da Prática Social (TPS), originária

[1] Movimento gerado pelos estudos das práticas, e busca, em sua essência, a superação de dicotomias tradicionais ou polarizações" (Alvarenga, 2017, p. 96).

DOI-10.22478/ufpb.2318-6186.2023v11nEdição Especial.68964
https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/archeion- ISSN 2318-6186. Licença (cc) BY-NC-ND

da Filosofia, e influenciada por Theodore Schanktzi[2], pós-estruturalista (Moura; Diniz, 2016). Os estudos fundamentados nas teorias das práticas formam um grande guarda-chuva que abarca um conglomerado de teorias. Entretanto, a escolha em se trabalhar a TPS, não em sua totalidade, mas como inspiração para discutir as práticas arquivísticas, tem seu cerne no entendimento que a espinha dorsal das práticas parte do pressuposto de uma dinâmica relacional que vincula sujeitos e objetos/coisas (Knnor-Cetina,2001), ou seja, o campo das práticas é composto por entrelaçamentos materiais.

A dinâmica relacional enfatiza o impacto de todos os relacionamentos e como os seres humanos e os objetos/coisas se transformam, quando estão enredados a partir dos arranjos e seus efeitos (Sørensen, 2009). Com relação aos arranjos, são arrumações e organizações das 'coisas' no mundo, ou melhor, das partes que compõem o todo. São *layout* de humanos e não-humanos que se relacionam e ocupam lugares em relação uns ao outros.

A TPS procura articular que o campo de práticas é o lugar para investigar fenômenos e quando falamos de práticas, de forma geral, pensamos em matrizes de atividades a serem desenvolvidas num dado contexto (Schanktzi, 2001a; 2001b). Entretanto, não nos vem à mente que tais atividades são mediadas e propagadas por artefatos, objetos/coisas, híbridos, relevantes para as práticas mais do que mero intermediários, isto é, objetos/coisas não apenas mediam, mas propagam práticas.

As práticas são arranjos de pessoas e de artefatos, coisas/objetos, organismos, etc., pelas quais eles coexistem, essas entidades[3] se relacionam e possuem identidades (quem são) e significados (o que fazem) (Schanktzi, 2001a; 2001b), porém, são concebidas como ações internas aos indivíduos (Barnes, 2001), e, sendo assim, tornam as outras entidades invisíveis no campo das práticas. Todavia, entender que elas são compartilhadas por objetos/coisas são questões centrais para a compreensão dos

[2] Professor de Filosofia da Universidade do Kentucky (Texas, USA), e co-diretor do Comitê de Teoria Social da mesma Instituição.

[3] O termo 'entidade' foi adotado por Latour para representar os elementos humanos e não-humanos. O uso desta expressão elimina a ideia de valorização de um dos elementos. É uma maneira de se referir a várias coisas humanas e não-humanas, incluindo diferentes tipos de objetos materiais e objetos imateriais (conceituais, morais, virtuais) e ações, que não são pré-determinadas, essencializadas e definidas.

DOI-10.22478/ufpb.2318-6186.2023v11nEdição Especial.68964
https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/archeion- ISSN 2318-6186. Licença

fenômenos sociais. Barnes (2001) mostra como exemplo a prática da acupuntura: medicina alternativa na qual finas agulhas são inseridas no corpo do paciente. Ela não é a penetração de agulhas sem pensar, envolve uma ação conjunta entre os sujeitos humanos e objetos/coisas; o acupunturista interage com o paciente, mas também com as agulhas e vice-versa, de modo que envolve um imbricamento com os agentes (humano e não-humano) para se chegar aum fim específico.

Trazendo outro exemplo, agora no campo arquivístico, podemos pensar as técnicas de identificação, descrição, preservação, etc., enquanto métodos e processos na arquivística, um enredamento entre o profissional do arquivo (humano) e o documento arquivístico (objetos/coisas). Segundo Rossato e Flores (2015), documento arquivístico é aquele produzido, em qualquer suporte, por pessoa física ou jurídica no cumprimento de suas atividades. Possui quatro características consideradas básicas, sendo elas:

1. Naturalidade – diz respeito a produção do documento arquivístico dentro de um processo natural de atividade no qual ele foi criado;
2. Autenticidade – é autêntico quando criado e conservado de acordo com procedimentos que podem ser comprovados a partir de rotinas preestabelecidas;
3. Organicidade – diz respeito à relação que os documentos arquivísticos possuem entre si no decorrer das ações para as quais foram criados;
4. Unicidade – Diz respeito a assumir um lugar único na ordenação documental da coleção à qual pertence.

É relevante pontuar também, a função social dos documentos arquivísticos. Conforme Moura e Vaisman (2017), para que a sociedade reconheça a função social dos documentos arquivísticos, é importante atravessarmos a ideia da função apenas jurídica de tais documentos, e assimilemos, também, sua responsabilidade social, no que corresponde à transmissão das memórias individual e coletiva e à produção do conhecimento (Campo, 2017; Rodrigues, 2008).

Observem que essas associações, são híbridas, e são interpretadas como

DOI-10.22478/ufpb.2318-6186.2023v11nEdição Especial.68964
https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/archeion- ISSN 2318-6186. Licença (cc) BY-NC-ND

arranjos de humanos e não-humanos, através do qual eles coexistem numa rede. Contudo, é bastante comum considerar que nas práticas arquivísticas, os humanos são geralmente percebidos de forma hegemônica, cujos objetos/coisas, os documentos arquivísticos, são sempre passivos a ação desses humanos. Assim, é necessário estudar perspectivas teóricas que são capazes de destacar o papel desempenhado por uma gama diversificada de atores, configurando-se como uma assembleia de coisas (Lupton, 2015).

4 A VIDA NUNCA É APENAS MATERIAL E SOCIAL

O social e o material estão profundamente conectados e não existe social que não seja material, e nenhum material que não seja também social (Buhl; Andersen; Kerosuo, 2019).

A palavra materialidade não se refere apenas aos materiais dos quais uma tecnologia é criada e não é sinônimo de fisicalidade. Toda materialidade que é criada é social através de processos sociais e é interpretada e usada em contextos sociais, e toda ação social é possível por causa de alguma materialidade. A materialidade presente no conjunto de objetos que compõem uma cultura material (edifícios, ferramentas, armas, textos escritos, vestidos, etc.), permite às sociedades manter sua durabilidade (Leonardi, 2012; Monterroza, 2017).

Longe de ser passiva ou inerte, a materialidade é uma força viva que participa ativamente dos eventos (Bennett 2010), assim, estamos cercados de objetos/coisas, e é impossível imaginar a vida acontecendo sem eles (Waltz, 2006), posto isto, é importante focalizar a atenção no social e na materialidade se quisermos entender essas interações. A materialidade está presente em cada fenômeno considerado social.

O termo sociomaterialidade enquadra e enuncia a impossibilidade em se pensar o social apartado do material e vice-versa. Falar sobre a sociomaterialidade é reconhecer, e sempre lembrar que a materialidade atua como um elemento constitutivo do mundo social. Assim, enquanto a materialidade pode ser uma propriedade de uma tecnologia, a

DOI-10.22478/ufpb.2318-6186.2023v11nEdição Especial.68964
https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/archeion- ISSN 2318-6186. Licença (cc) BY-NC-ND

sociomaterialidade representa a promulgação de um conjunto particular de atividades que fundem a materialidade com instituições, normas, discursos, etc. (Leonardi, 2012).

Para Fenwick (2015), a materialidade refere-se a todas as coisas cotidianas de nossas vidas que é orgânica e inorgânica, tecnológica e natural: carne e sangue, formulários e lista de presença, registros eletrônicos e bancos de dados, e assim por diante. Diz respeito aos símbolos e significados, desejos, medos e discursos culturais. Forças materiais e sociais estão mutuamente engajadas em trazer atividades cotidianas. A sociomaterialidade não pergunta por que as coisas acontecem; em vez disso, pergunta como elas ocorrem? Como se organizam? (Barry, 2018).

Pensar a sociomaterialidade, pluraliza as práticas de modo a levar em conta os corpos, objetos/coisas e espaços ao lado e com o humano. Esta é uma tarefa urgente em qualquer área do conhecimento, uma vez que, cada vez mais o que, e como aprendemos acontece em nossa dependência com a materialidade, tanto quanto através de quadros instrucionais humanos (Taylor, 2017).

Críticas ao humanismo apontam suas limitações teóricas e éticas, a partir de diversos fatores, particularmente o aumento da população mundial, mais acesso à informação e bens de consumo - efeitos da globalização e suas economias. Ademais, catástrofes ambientais, guerras, violência de gênero, racismo e, mais atualmente, a falta de privacidade e a era do algoritmo (Baynes; Jandric, 2017). Assim, novos conceitos e interpelações, para debater questões sociais, contestando hierarquias do pensamento cartesiano e seus binarismos centrais, particularmente: sociedade/natureza, homem/máquina, humano/não-humano, são primordiais na atualidade.

Foi o desenvolvimento das ciências humanas ou sociais do século XVIII ao XX que tornou os humanos um coletivo digno de estudo científico. Foram os programas idealistas e positivistas do Iluminismo que produziram a humanidade como um objeto científico e um projeto político. Nesses termos, a abordagem sociomaterialista pode potencialmente perturbar esses regimes lineares e ampliar entendimentos fora das formas tradicionais de representação (Reddington; Price, 2018).

Desfazer a categoria privilegiada do humano coloca em dúvida muito do Iluminismo que sustentou a supremacia do homem, e fazer isso não é uma tarefa fácil.

DOI-10.22478/ufpb.2318-6186.2023v11nEdição Especial.68964
https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/archeion- ISSN 2318-6186. Licença (cc) BY-NC-ND

Porque as formas hegemônicas de observar o social, se sobrepõem de tal maneira que dificultam a entrada e manutenção de novas abordagens. Entender que objetos científicos são híbridos, e observar como eles são/estão articulados na vida, é uma tendência emergente com múltiplas fontes e faces.

5 DISCUSSÕES SOBRE O PROTAGONISMO HUMANO-NÃO-HUMANO

Os teóricos materialistas já citados (Karen Barad, Bruno Latour, Donna Haraway, Michel Callon, Annemarie Mol, Graham Harman, Judith Butler, entre tantos) compartilham a crença que limites binários entre sujeitos e objetos/coisas são limitados e prejudiciais à compreensão do social, e que esses limites não podem mais, confortavelmente, ser utilizados, devido aos valores humanistas que eles convocam.

A concepção pós-humanista apresenta um emaranhado dinâmico e mutável de relações, pois os fenômenos sociais são a inseparabilidade ontológica de componentes. Não há um mundo lá fora separado dos humanos, mas sim uma inter-relação dinâmica entre diferentes materialidades (Barad, 2003; Pennycook, 2018).

A distinção entre coisas e pessoas é muito menos importante do que o desempenho que eles proporcionam e a fusão de seus efeitos sociais (Waltz, 2006). Como atores, as pessoas não são categoricamente diferentes das coisas. Ambos são atores sociais que performam o mundo em conjunto com uma variedade de outros atores: humanos e não-humanos.

É importante mencionar que o descentramento do humano, é apenas um elemento do pensamento pós-humanista, que defende que precisamos ir além da ideia de unicidade dos sujeitos (humanos) e acolhamos um mundo material também pela interferência de outros agentes (não-humanos) (Pickering, 2001). O pensamento pós-humanista nos leva nessa direção, de uma reconsideração, incorporação, reavaliação e insistência na sociomaterialidade.

Assim, fundamentar este artigo na visão pós-humanista é se associar com práticas e discursos estimulantes que vem contestar a ideologia do humano, e consequentemente o Pensamento Humanista. Esses dois movimentos – Humanismo e Pós-Humanismo – são diferentes e relacionados: o primeiro acredita que o "humano é o

DOI-10.22478/ufpb.2318-6186.2023v11nEdição Especial.68964
https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/archeion- ISSN 2318-6186. Licença (cc) BY-NC-ND

sujeito autônomo da modernidade, dono da vontade e único possuidor da razão, que o distingue de outras espécies", e o segundo não é sobre o fim do homem, mas sobre o fim de "um universo centrado no homem" (Herazo-Bustos; Cassiani-Mirada, 2015, p. 396-397, tradução nossa).

Quando trazemos a questão pós-humanista não estamos falando como rejeição ao humanismo, mas como um questionamento das limitações impostas pelo pensamento humanista. É importante que nós pesquisadores reexaminemos a justiça social a partir de uma perspectiva humana descentralizada. O pós-humanismo fornece uma maneira de pensar as práticas sociais além dos limites dos efeitos cognitivos, entrada e saída de conteúdos e os efeitos do comportamento humano. O objetivo desta 'virada material' é promover a igualdade, na qual as pessoas e as coisas existam em mútua autoconstrução. Esse descentramento do humano tem raízes no pós-estruturalismo que representa uma crítica à visão antropocêntrica de mundo (Harvey; Krohn-Hansen; Nustad, 2019).

A performance é o mecanismo através do qual todos (humanos e não-humanos) se relacionam entre si, independentemente de quaisquer diferenças ou a real complexidade de suas estruturas. A performance é condição *sine qua non* de todas as formas de sociomaterialidade (Florêncio, 2014).

Quando introduzimos a sociomaterialidade como parte da prática, nosso repertório verbal começa a soar sintonizado com a abordagem pós-humana. Assim, o primeiro passo na metodologia de estudar a sociomaterialidade tem a ver com desvincular-se da nossa herança humanista, pois apenas esquecendo aspiração humana é possível começar a lidar seriamente com a materialidade (Sørensen, 2009).

Ademais, é essencial perceber que todas as práticas emergem de enredos entre pessoas e coisas, os elementos materiais precisam ser incluídos também na análise de um fenômeno, pois eles compõem o processo pelo qual um dado fenômeno se desdobra (Schatzki, 2003). E compreender que as práticas sociais são todas fundamentalmente moldadas pelas coisas sociomateriais, com as quais nos associamos e somos associados (Fenwick; Edward, 2010; Sørensen, 2009).

DOI-10.22478/ufpb.2318-6186.2023v11nEdição Especial.68964
https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/archeion- ISSN 2318-6186. Licença (cc) BY-NC-ND

6 (IN)CONCLUSÕES HUMANAS

Como explica Pickering (2013), nós, humanos, somos agentes performativos, nós fazemos coisas no mundo, contudo, as coisas/objetos (pedras, gatos, estrelas, ferramentas, etc.) também o fazem, ou seja, elas também performam. Sendo assim, adentramos no que preconiza o pensamento pós-humanista, que vem na contramão da unilateralidade e rigor da visão humanística moderna, que "faz do homem o valor supremo, e que vê nele a medida de todas as coisas" (Japiassú; Marcondes, 1996, p. 132). O pensamento pós-humanista defende que precisamos ir além da ideia de unicidade dos sujeitos (humanos) e acolha um mundo material também pela interferência de outros agentes (não-humanos).

Visualizar apenas nos humanos nos predispõe a excluir os materiais que caracterizam as atividades cotidianas, conferindo aos sujeitos toda e qualquer responsabilidade pelas ações, e por consequência não focalizando um escopo maior de participantes das práticas sociais, abandonando a ação dos não humanos no processo (Schatzki; Knorr-Cetina; Von Savigny, 2001).

A virada sociomaterial reconhece que as relações sociais, materiais e afetivas são inseparáveis e estão interconectadas na prática cotidiana. Sua finalidade é contestar a noção de que as coisas (incluindo objetos, textos, corpos humanos, intenções, conceitos, etc.) existem separadamente. Deste modo, entende-se que é impossível considerar as práticas sociais simplesmente e apenas como a execução de uma tarefa dos humanos.

Descentralizar o sujeito humano não significa deixar os humanos de fora e centrar-se exclusivamente nos não-humanos, mas sim permitir que humanos e não-humanos se concentrem na análise social.

REFERÊNCIAS

BARAD, K. Posthumanist Performativity: Toward an Understanding of How Matter Comes to Matter. **Journal of Women in Culture and Society**, v. 28, n. 3, p. 801-831, 2003.

BARRY, W. *The professional learning of academics in higher education: a sociomaterial perspective.* Canterbury Christ Church University: D.thesis, 2018.

BAYNES, S; JANDRIC, P. From anthropocentric humanism to critical posthumanism in digital education. **Knowledge Cultures**, v. 5, n. 2, p. 197-216, 2017.

BENNETT, J. Thing-Power. In: BRAUN, B.; WHATMORE, S. J. **Political Matter**: Technoscience, Democracy, and Public Life. Minnesota: University of Minnesota Press, 2010. p. 35-62.

BUHL, H.; ANDERSEN, M.; KEROSUO, H. I Work All Day with Automation in Construction: I am a Sociomaterial-Designer. In: NORDIC CONFERENCE ON CONSTRUCTION ECONOMICS AND ORGANIZATION, 10., 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1108/S2516-285320190000002018. Acesso em: 2 jun. 2019.

COUTO, E. S. **Corpos voláteis, corpos perfeitos**: estudos sobre estéticas, pedagogias e políticas do pós-humano. Salvador: Edufba, 2012.

DREYFUS, H. **What Computers Still Can't Do**. Cambridge MA: MIT Press, 1993.

FENWICK, T. Sociomateriality and Learning: a critical approach. In: SCOTT, D.; HARGREAVES, E. (Eds.). **The Sage Handbook of Learning**. 2015. Disponível em: https://www.semanticscholar.org/paper/Sociomateriality-and-learning%3A-a-critical-approach-Fenwick/686562cda366d4fd95734d060be48f8496217abd. Acesso em: 2 jun. 2019.

FENWICK, T.; EDWARDS, R. **Actor-Network Theory in Education**. London, New York: Routledge, 2010.

FLORÊNCIO, J. Ecology Without Nature, Theatre Without Culture Towards an Object-Oriented Ontology of Performance. **O-Zone**: A Journal of Object-Oriented Studies, v. 1, p. 118-127, 2014.

GYGI, F. R. Materiality. In: CALLAN, H. **The International Encyclopedia of Anthropology**. [S.l]:Wiley Online Library, 2019.

HARAWAY, D. Manifesto ciborgue Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, D.; KUNZRU, H.; TADEU, T. (Org.) **Antropologia do ciborgue:** as vertigens do pós-humano. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 33-118.

HARVEY, P.; KROHN-HANSEN, C.; NUSTAD, K. G. Introduction. In: HARVEY, P.; KROHN-HANSEN, C.; NUSTAD, K. G. **Anthropos and the Material**. London: Duke university press, 2019. p. 1-34.

HERAZO-BUSTOS, M. I; CASSIANI-MIRANDA, C. A. Humanismo y poshumanismo: dos visiones del futuro humano. **Salud Uninorte**, Barranquilla, v. 31, n. 2, p. 394-402, 2015.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
KIPNIS, A. B. Agency between humanism and posthumanism: Latour and his opponents. **Hau**: Journal of Ethnographic Theory, v. 5, n. 2, p. 43–58, 2015.

MICHAEL, M. **Reconnecting Culture, Technology and Nature**: From Society to Heterogeneity. London: Taylor & Francis, 2000.

MONTERROZA, A. Una revisión crítica a la teoría del Actor-red para el estudio de los artefactos. **Trilogía Ciencia Tecnología Sociedad**, v. 9, n. 17, p. 49-62, 2017.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: 34, 1994.
LATOUR, B. Where are the missing masses, sociology of a few mundane artefacts. In: BIJKER, W.; LAW, J. **Shaping Technology-Building Society**. Studies in Sociotechnical Change. Cambridge: MIT Press, 1992. p. 225-259.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo:** antropologia e sociedade. Campinas: Papirus, 2003.

LEONARDI, P. M. Materiality, Sociomateriality, and Socio-Technical Systems: What Do These Terms Mean? How Are They Related? Do We Need Them? In: LEONARDI, P. M; NARDI, B. A.; KALLINIKOS, J. (Eds.). **Materiality and Organizing: Social Interaction in a Technological World**. Oxford: Oxford University Press., 2012. p. 25-48.

LEONARDI, P. M; NARDI, B. A.; KALLINIKOS, J. (Eds.). **Materiality and Organizing: Social Interaction in a Technological World**. Oxford: Oxford University Press., 2012. p. 25-48.

MACGREGOR, N. **A História do Mundo em 100 Objetos**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.

MONTEIRO, M. S. A. **Os dilemas do humano**: reinventado o corpo numa era (bio) Tecnológica. 198f. 2005. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo, 2005.

MONTERROZA, A. Una revisión crítica a la teoría del Actor-red para el estudio de los artefactos. **Trilogía Ciencia Tecnología Sociedad**, v. 9, n. 17, p. 49-62, 2017.

OLIVEIRA, M. V. et al. Processos Educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 32., 2009, Caxambu. **Anais...** Caxambu: [S.n.], 2009.

PENNYCOOK, A. Posthumanist Applied Linguistics. **Applied Linguistics**, v. 39, n. 4, p. 445–461, 2018.

PEREIRA, R. S.; DINIS, N. F. Itinerários da pesquisa pós-estruturalista em Educação. **Itinerarius Reflectiones** - Revista Eletrônica da Pós-Graduação em Educação, v. 11, n. 2, p. 1-16, 2015.

PICKERING, A. Practice and post-humanism: social theory and a history of agency. In: SCHATZKI, T. R.; KNORR-CETINA, K.; VON SAVIGNY, E. (Ed.). **The practice turn in contemporary**. London: Routledge, 2001. p. 172-183.

PICKERING, A. Living in the material world. In: VAUJANY, FX; MITEV, N. (Eds.). **Materiality and Space:** organizations, artefacts and practices., London: Palgrave Macmillan, 2013. p. 25-40.

POSTMA, D. Education as sociomaterial critique. **Pedagogy, Culture Society**, v. 20, n.1, p. 137-156, 2012.

REDDINGTON, S.; PRICE, D. Pedagogy of New Materialism: Advancing the Educational Inclusion Agenda for Children and Youth with Disabilities. **Disability Studies Quarterly**, v. 38, n. 1, 2018. Disponível em: http://dsq-sds.org/article/view/5945/4879. Acesso em: 16. nov. 2018.

ROUSE, J. Two concepts for practices. In: SCHATZKI, T. R.; KNORR-CETINA, K.; VON SAVIGNY, E. (Ed.). **The practice turn in contemporary**. London: Routledge, 2001. p. 198-208.

SCHATZKI, T. R. A new societist social ontology. **Philosophy of the Social Sciences**, v. 33, n. 2, p. 174-202, 2003.

SCHATZKI, T. R. Materiality and social life. **Nature and Culture**, v. 5, n. 2, p. 123-149, 2010.

SCHATZKI, T. R. Introduction: practice theory. In: SCHATZKI, T. R.; KNORR-CETINA, K; VON SAVIGNY, E. (Ed.). **The practice turn in contemporary**. London: Routledge, 2001a.

SCHATZKI, T. R. Practice mind-ed orders. In: SCHATZKI; KNORR-CETINA, K; VON SAVIGNY, E (Ed.). **The practice turn in contemporary**. London: Routledge, 2001b. p. 50-63.

SCHATZKI, T. R.; KNOR-CETINA, K.; SAVIGNY, E. **The Practice Turn in Contemporary Theory**. London, New York: Routledge, 2001.

SØRENSEN, E. **The Materiality of Learning**: Technology and Knowledge in Educational Practice. Cambridge University Press, 2009.

SØRENSEN, T. F. We Have Never Been Latourian: Archaeological Ethics and the Posthuman Condition. **Norwegian Archaeological Review**, v. 46, n. 1, p. 1-18, 2013.

TAYLOR, C. A. Is a posthumanist *Bildung* possible? Reclaiming the promise of *Bildung* for contemporary higher education, **Higher Education**, v. 74, n. 3, p. 419-435, 2017.

TOOHEY, K. The Onto-Epistemologies of New Materialism: Implications for Applied Linguistics Pedagogies and Research. **Applied Linguistics** p. 1–21, 2018.

TURNER, S. **The Social Theory of Practices**: Tradition, Tacit Knowledge, and Presuppositions. Cambridge: Polity Press, 1994.

WALTZ, S. B. Nonhumans Unbound: Actor-Network Theory and the Reconsideration of "Things" in Educational Foundations. **Educational Foundations**, v. 20, n. 3-4, p. 51-68, 2006.